

DO CRIME A GUERRA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO POLÍTICO-METAFÓRICO DOS ACONTECIMENTOS DURANTE E APÓS O 11 DE SETEMBRO DE 2001

Sérgio N. de Carvalho (UERJ/EN/UNESA)

RESUMO

Este artigo apresenta alguns resultados preliminares de uma pesquisa, em andamento, com o objetivo de analisar criticamente os efeitos de metáforas conceituais na ideologia política do governo do presidente norte-americano G.W. Bush e seus principais aliados por ocasião dos eventos de 11 de setembro de 2001, passando pela preguera do Afeganistão e o prelúdio da guerra do Iraque.

Utilizamos como corpus citações, desses experientes políticos, publicadas em artigos do jornal *The New York Times* durante o referido período histórico e, portanto, atribuindo a imprensa escrita o fator de relevância que tem na formação de cultura e vice-versa.

Tendo como fundo os interesses da política internacional, o uso de metáforas foi interpretado em relação a necessidade de enfatizar e reforçar algumas imagens que pudessem descrever a posição dos Estados Unidos e seus aliados no período acima mencionado.

Palavras-chave: discurso crítico; metáfora conceitual; política internacional

INTRODUÇÃO

Este artigo é sobre linguagem e, especificamente, a forma de como o discurso é usado em tempo de crise política nacional ou internacional. Nos eventos que aconteceram em 11 de Setembro de 2001 e aqueles que os sucederam, através da retórica pública, tornaram-se em guerras. O governo do Presidente G.W. Bush ratificou muito bem isso. A cidade de Nova York passa ser a capital da América e todo o mundo volta os seus olhos para essa gigantesca metrópole, o centro nervoso das finanças, a Meca cultural da América. E por que não dizer que as torres gêmeas, metaforicamente falando, são o coração do estado americano.

Este pequeno estudo, parte de uma pesquisa, em andamento, de um corpus maior, que se refere ao uso de expressões lingüísticas metafóricas usadas por pessoas, cidadãos que (presumivelmente) são

peritos no uso da retórica política. Portanto, supostamente, conhecedores da capacidade de persuasão que este tropo tem na modalidade do discurso aqui citado. O conteúdo entre esse período histórico foi examinado através do jornal diário americano The New York Times (NYT), com o intuito de descobrir como a metáfora foi usada em relação aos objetivos e decisões políticas. A escolha desse jornal dá-se pela sua enorme circulação na sociedade daquele país como veículo de informação, credibilidade e um número recorde de prêmios Pulitzer ganho em 2002 pela ampla cobertura daqueles acontecimentos. Neste conteúdo, através de citações do referido jornal, veremos o presidente norte-americano G. W. Bush e seus principais colaboradores de governo como experientes articuladores políticos e exímios palestrantes, no que diz respeito ao discurso político.

Algumas vezes, oferecemos um exemplo representativo de uma determinada expressão metafórica no domínio do *crime* e da *guerra* que possa ter ocorrido várias vezes na referida mídia (NYT). Depois de analisar as expressões lingüísticas metafóricas, elas são agrupadas em categorias, cada categoria sob o título de uma determinada *metáfora conceitual*. Conceito esse a ser explicado mais adiante no artigo.

Compartilhamos com Schon (1979) que as dificuldades mais prementes na política social e acrescentamos na política também, tem mais a ver com a colocação dos problemas do que praticamente com a solução dos mesmos. Ou seja, a forma, a maneira de como um problema é conceitualizado ou verbalizado é frequentemente metafórico e por aí já se tem o desencadeamento das possíveis soluções desse problema. No caso da política, nacional ou internacional, muito da agenda dos dirigentes de um país é estruturada com base em discursos repletos de metáforas. Lakoff e Johnson (1980/2002) denominam tais metáforas estruturais de metáforas gerais (ou conceituais) que nos permitem mais do que simplesmente orientar conceitos, nos referir a eles, quantificá-los, etc. Como fazemos com as metáforas simples; elas nos permitem, além disso, usar um conceito bem estruturado e delineado para estruturar um outro” (p.61). Os autores nos exemplificam com a metáfora “TEMPO É UM BEM MATERIAIS” (TIME IS A RESOURCE), que estrutura a forma como vemos *tempo* como um recurso contável e de valor que pode ser gasto, guardado e despendido (p.65).

A trajetória lingüística do World Trade Center e do Pentágono começou em silêncio. Nenhum país se responsabilizou pelos acontecimentos de 11 de setembro. Mas, os Estados Unidos asseguraram que eles tinham um “inimigo”- um “inimigo sem cara” que personificava o “mal”. E contra esse mal, os Estados Unidos se lançou em uma guerra. O primeiro passo para essa guerra, o primeiro alvo foi o empobrecido Afeganistão. Tudo isso porque aquele país “escondia” o “inimigo sem cara” e tendo o ataque lá começado em 07 de outubro de 2001. A pergunta que se faz é: Como que de uma resposta ao terror se torna uma Guerra ao Terrorismo? Finalizando, o objetivo desse artigo é de mostrar, ainda que resumidamente, tendo em vista a natureza desse texto, o caminho percorrido de um país na construção de uma guerra com o auxílio de uma poderosa arma – o discurso metafórico.

A METÁFORA E O DISCURSO POLÍTICO

Existe um grande numero de literatura sobre o estudo da metáfora. Sontag e outros começam por Aristóteles, cujo o livro Poética define de uma forma simples, mas clara, a definição de metáfora: “Metáfora consiste em nominar uma coisa em nome de outra”. A partir dessa definição, estudos em diversos campos sobre a metáfora se amplia: retórica, discurso, literatura, lingüística, pragmática, psicologia, ciência cognitiva e outros (BOYS-STONES, 2003; EUBANKS, 2000; ORTONY, 1993; SEARLE, 1993; WHITE, 1978). Mas aqui consideraremos a metáfora do ponto de vista da lingüística cognitiva (BLACK, 1962; LAKOFF e JOHNSON, 1980/2002; ORTONY, 1993; GIBBS, 1994; LAKOFF e TURNER, 1989; LAKOFF, 1991; EUBANKS, 2000; CAMERON e LOW, 1999; CAMERON, 1999, 2003; DEIGNAN, 1995, 1999; JOHNSON, 1987; KOVECSSES, 2002, 2004)) apenas para citar alguns e sua implicação no discurso político. Certamente, a área da política é, em particular, um campo fértil para pesquisa dessa figura de linguagem. Alguns estudos de interesse já se apresentam na literatura como Bostdorff (1994), Chilton (2004), Green (1992), e Swanson e Nimmo (1990).

Mas, sem duvida alguma, que o grande divisor de águas do estudo da metáfora é Metáforas da vida cotidiana (tradução do GEIM/PUC/SP) escrito pelo lingüística cognitivo George Lakoff e o

filósofo Mark Johnson, em 1980. Essa obra tornou-se de grande relevância para a discussão social e política da metáfora. Os autores argumentam que o sistema conceitual humano é fundamentalmente metafórico e que a metáfora estrutura a nossa maneira de pensar. A argumentação deles de que a metáfora “não é um recurso somente da linguagem, mas também do pensamento e da ação” apoia o estudo do discurso social e político (LAKOFF e JOHNSON, 1980: 208; BLACK, 1962; JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1986; LAKOFF e TURNER, 1989 e SWEETSER, 1991). Assim sendo, do ponto de vista cognitivo da metáfora, ela é usada na comunicação para que possamos compreender situações problemáticas a partir de situações que já nos são conhecidas. As metáforas “antigas” ou “mortas” e “novas” ou “vivas” são normalmente construídas a partir de conceitos humanos provenientes da interação do corpo humano com o meio - ambiente em que vivemos: ficar de pé, estar num espaço delimitado, mover-se de um ponto para o outro.

Além das características acima da metáfora, como um processo cognitivo universal, esse tropo tem a função no discurso nesse caso do ponto de vista interacional, na relação face a face, de atenuar o mal estar que possa haver no contato entre indivíduos. No modelo de Brown-Levinson (1987), a metáfora é considerada uma “estratégia fora de registro”; isto é, o seu objetivo é controlar os mais ameaçadores atos de fala e, ao mesmo tempo, minimizar o envolvimento de seu escritor/falante. A responsabilidade é do ouvinte de entender as implicações metafóricas e a sua importância naquele momento da comunicação. Ao mesmo tempo, a metáfora propicia um terreno comum no que diz respeito ao aspecto cultural (Deignan, 2003; Gibbs, 1999; Kovecses, 2002, 2004; Lakoff e Johnson, 1980/2002) e, também, ao mesmo tempo, do ponto de vista cognitivo, ela age como um grande recurso para que novos conceitos e políticas possam ser explorados. Mas fica o alerta para que tenhamos cuidado com a possibilidade desse terreno comum, quando uma determinada comunicação surge entre culturas. Podendo-se incidir em uma má compreensão da metáfora por conta das diferenças culturais entre o escritor/falante e o leitor/ouvinte (DDEIGNAN, 2003; ROHRER, 2004).

Não poderíamos esquecer de mencionar dentro desse tópico da metáfora e política e, mais diretamente, a política internacional, a capacidade de persuasão daquela figura de linguagem.

Apesar do crescente interesse no estudo da metáfora, ainda não se tem um número muito expressivo de pesquisas sobre sua função de mudança de atitude ou efeitos de persuasão (expressando e manipulando crenças). A maioria do interesse nessa área centraliza-se nos efeitos persuasivos da linguagem (Ver BOWERS, 1963, 1964).

A função persuasiva da metáfora se faz entender a partir da teoria contemporânea da metáfora, como Lakoff se refere (1993). O autor e seus seguidores postulam a existência de relações mentais chamadas de “metáforas conceituais” como vimos acima. As metáforas conceituais funcionam no nível do pensamento ao invés do da linguagem. Elas são passíveis de serem concretizadas através de expressões denominadas “metáforas”. Os escritores da escola contemporânea se referem a essas expressões lingüísticas como “metáforas lingüísticas” (LAKOFF e JOHNSON, 1980, 1999; CAMERON, 1999, 2003; DEIGNAN, 1995, 1999). Muito embora as relações conceituais, segundo a teoria contemporânea, são mais significativas do que as relações lingüísticas individuais, as metáforas lingüísticas são a única prova disponível para que se possa provar a existência das metáforas conceituais. Isto quer dizer que quase toda discussão sobre metáfora conceitual recai fortemente nos exemplos de metáforas lingüísticas, freqüentemente concebidos intuitivamente.

Concluindo, as metáforas podem ser usadas com o intuito de persuadir ao sugerir uma interpretação de situações ou acontecimentos tendenciosamente. Isso acontece porque elas constroem um equilíbrio entre os elementos do domínio - fonte (o campo semântico do qual o significado literal é originado) e domínio - alvo (o domínio semântico dentro do qual o significado metafórico está localizado). Entretanto, temos que estar atento porque a metáfora não proporciona uma visão completa do seu tópico mas, com certeza, ela destacará alguns aspectos e esconderá outros. E é por causa dessa característica que o discurso político, metafórico quase por natureza, merece atenção no campo da análise crítica de texto escrito e/ou falado desse campo da ciência.

Com a intenção de apenas situar o leitor no fato histórico, naquela manhã de 11 de setembro de 2001, aviões de linha comercial chocaram-se contra as torres gêmeas, na cidade de Nova York e o prédio do Pentágono, na cidade de Washington, D.C., a capital dos Estados Unidos. Aquele evento foi primeiramente descrito com o termo um ato de “terror” e/ou “crime” e depois tornou-se um ato de “guerra”. Ato de guerra” normalmente são recíprocos com outros “atos de guerra” – mas, guerra contra quem? Ao fazer tal pergunta é como se pegássemos uma lente de alto grau de aumento para perguntar como a linguagem foi usada para trazer a público o senso comum na política nacional da América.

Abaixo, mostraremos de uma forma resumida, uma análise crítica de falas do presidente Bush e seus assessores, através de citações de artigos do jornal NYT, focalizando as metáforas lingüísticas usadas para exemplificar a trajetória de uma conceituação de crime a ato de guerra que, conseqüentemente, nos leva a metáfora conceitual dominante EVENTO “X” É UM ATO DE GUERRA. Destacaremos, também, outras metáforas do domínio da política internacional que possam interagir com a metáfora dominante, acompanhadas de um breve comentário sobre a ideologia que permeia, possivelmente, a cada metáfora. Isso ocorre porque não podemos falar sobre guerra, sem falarmos em política internacional.

Apresentaremos, assim, a metáfora conceitual (sempre em letras maiúsculas, em português e inglês), seguida de considerações ideológicas quando se fizer necessário e os exemplos, respectivamente, com a fonte e data.

TERRORISMO É UM CRIME (TERRORISM IS A CRIME)

Esta metáfora teve um tempo de vida curta no cenário da política americana por ocasião do ataque as torres gemerás e a sede do Pentágono. Segundo o Presidente Bush, esse evento em questões de horas se torna um “ato de guerra”, como veremos mais adiante. Onde um ataque terrorista, passa a ter um mérito de uma completa resposta militar por parte dos Estados Unidos e a criação de um grupo de aliados. Esse “sistema” de crime envolve: *vitimas, lei, punição, juiz, corte* e esses elementos foram abandonados rapidamente.

- 1-“These *acts of mass murder* were intended to frighten our nation...” (“Esses atos de assassinatos tiveram a intenção de assustar a nossa nação” (NYT, 11/09/01)
- 2-“I have directed...to *bring them to justice*.” (“Eu os pedi que *Os julgassem*”) NYT, 11/09/01)
- 3-“This is the day...our resolve for justice and peace.” (“Este é o dia ...) (NYT, 11/09/01)
- 4-“*Crime scenes* have been established by the federal authorities.” (“*Cenas de crime* foi como as autoridades federais viram o atentado .” (NYT, 11/09/01)
- 5-“The full resources of the Department of Justice...are being deployed to investigate these *crimes* and to assist survivors and *victim* families.” (“Todos os recursos do Ministério da Justiça Estão sendo empregados com intuito de investigar e dar assistência aos sobreviventes e familiares das vítimas.”) (NYT, 11/09/01)
- 6-“May God bless the *victims*, ...” (“Que Deus abençoe as *vitimas*,...”) (NYT, 12/09/01)

O ACONTECIMENTO/EVENTO “X”É UM ATO DE GUERRA (EVENT “X” IS AN ACT OF WAR”)

Em questão de horas, no seu primeiro discurso a nação americana, o presidente, sua equipe e seus países aliados transformam o cenário de um *ato de crime* em um *ato de guerra*.

- 1-“... we stand together to win the *war against terrorism*.” (“...ficaremos apostos, juntos para vencer essa *guerra contra o terrorismo*.” (NYT, 11/09/01)
- 2-“This is not a *battle* between the United States of America and terrorism, but...” (“Essa não é uma *batalha* entre os Estados Unidos da América e o terrorismo, mas ...” (NYT, 12/09/01)

- 3-“This *war* will not be like the war against Iraq a decade ago, ...” (“Essa *guerra* não será como a guerra contra o Iraque ha uma década atrás,...”) (NYT, 12/09/01)
- 4-“Americans should not expect one *battle*, but...” (“Os americanos não devem esperar uma *batalha*, mas ...”) (NYT, 20/09/01)
- 5-“...that an *act of war* was declared on us.” (“...que um *ato de guerra* foi declare a gente) (NYT, 14/09/01)
- 6-“...*war* on home territory.” (“...*guerra* na nossa casa.”) (NYT, 12/09/01)
- 7-“Let’s *make glass out of* Afghanistan.” (“Vamos *fazer do Afeganistão cacos de vidro*”) (NYT, 14/09/01)
- 8-Gerhard Schroeder called the attacks a *declaration of war* against ...” (“Gerhard Schroeder chamou os ataques de uma *declaração de guerra*...”) (NYT, 12/09/01)
- 9-...but now that *war has been declared* on us, ...”) (“Mas agora que a nos foi *declarado guerra*,...”) (NYT, 14/09/01)
- 10- “How to *fight this foe*.” (“Como lutar *contra esse inimigo*.”) (NYT, 24/09/01)

NAÇÃO É UMA PESSOA (NATIONS IS A PERSON)

Essa metáfora é um recurso lingüístico de extrema relevância em conflitos internacionais onde a guerra se faz presente. O país é visto como uma *pessoa* e, conseqüentemente, ele/ela se engaja em relações sociais ou não em casa, ou dentro de uma comunidade mundial. O seu território passa ser *lar*, *Ele* (o país) vive em uma *vizinhança* com seus (*vizinhos, amigos, inimigos*). Esse tropo da ao povo americano o sentimento de que é justo, moral lutar contra o inimigo que invade a sua casa e lhe tira o direito de ter seus valores (aqui a liberdade, tanto proclamada pelo governo Bush e aliados). O mal que se faz, não é a um país, mas sim, a uma pessoa, a um ser humano. Dessa maneira, para a sociedade americana todo o conflito esta bem próximo, mas de uma forma bem diferente dos fatos reais.

Essa mesma metáfora, pode ser analisada como uma metonímia. Considerando que no discurso da política internacional é comum que ela seja vista assim. Podemos arriscar dizendo que se trata de uma possível metaforização da metonímia.

- 1- "...to *frighten* our nation into chaos and retreat."
 ("...*assustar* nossa nação criando-se um caos e nos afastando covardemente." (NYT, 12/09/01)
- 2- "Our nation *saw evil*..." ("Nossa nação viu o mal...") (NYT, 12/09/01)
- 3- "America *has stood down enemies* before..." (A América já *enfrentou muito bem inimigos* antes...) (NYT, 12/09/01)
- 4- "Today America *has experienced* one of the greatest..." ("Hoje a América *experienciou* a maior...") (NYT, 11/09/01)
- 5- "...when America *suffers*,..." ("...quando a América *sofre*, ...) (NYT, 12/09/01)
- 6- "The president repeatedly states that Iraq *had failed to disarm*." (O presidente várias vezes repetiu que o Iraque não atendeu ao pedido de desarmamento.) (NYT, 07/03/02)
- 7- "...the Unites States might *suffer*." (Os Estados Unidos podem *sofrer*." (NYT, 07/03/02)
- 8- "... the United States *decides* to take military action." ("...os Estados Unidos *decide* investir militarmente." (NYT, 07.03/02)
- 9- "The United States is not as *isolated* as it might seem." ("Os Estados Unidos não está tão *isolado* quanto parece." (NYT, 07/03/02)

FICAR DE PÉ É AGIR MORALMENTE
 (TO STAND IS TO ACT MORALLY)

Uma vez que a "nação - pessoa" se "levanta" contra o "inimigo", ela esta agindo moralmente. O *mal*, o *inimigo* deve ser vencido

pelo o *bem*. Portanto, ao eliminarmos o inimigo, estamos colaborando para que ele não ameace aqueles mais fracos. E contra o *inimigo*, não se questiona o seu extermínio. O *bem* tem que vencer o *mal*.

1-“And we stand together to win the war against terrorism.”
 (“E levantamos juntos contra o inimigo para vencer a guerra contra o terrorismo.”) (NYT, 12/09/01)

2-“America has stood down enemies before, ...”. (“A América já se levantou contra inimigos antes,...”) (NYT, 12/09/01)

SUDDAN HUSSEIN É O MAL/IRAQUE É O MAL (SUDDAM HUSSEIN IS EVIL /IRAQ IS EVIL)

Esta metáfora na verdade é um desencadeamento da metáfora conceitual dominante no discurso político internacional de conflitos de guerra o CONTO DE FADAS. Na literatura temos os personagens : o herói (aqui representado pelos Estados Unidos), a vítima (também os Estados Unido e/ou a comunidade mundial, segundo o governo Bush e aliados) e o vilão (não se sabe bem quem, mas o governo Bush e aliados, denominam de bin Laden (Guerra do Afeganistão) e depois armas de destruição em massa (nunca encontrada) ou Suddam Hussein) (Guerra do Iraque). A escolha do vilão é importante para poder arrumar a historia completa com todo os seus personagens. Dessa forma, o governo Bush e aliados justificam uma guerra moralmente, onde Suddam Hussein é o mal, inimigo e, portanto, deve ser eliminado vivo ou morto como o próprio Bush afirmou na mídia.

1-“President Bush prepared the country tonight for possibly imminent *military action* against Iraq,... declaring that Saddam Hussein posed a *direct threat to the security* of the Unites States ...” (“ O presidente Bush preparou o povo hoje a noite para uma possível *investida militar* contra o Iraque,... declarando qie Saddam Hissein eh uma *ameaça a segurança* dos Estados Unidos...”) (NYT, 07/03/03)

- 2-“...saying Mr. Hussein posed a comparable *danger*.” (“...afirmando que o Sr. Hussein apresenta-se como um *perigo*.”) (NYT, 07/03/03)
- 3-“...while portraying Iraq as the most urgent *threat*, Mr. Bush referred to ...”.) (“...enquanto mostrava o Iraque como a *ameaça* mais iminente, O Sr. Bush se referiu a ...”) (NYT, 20/03/03)
- 4-But Mr. Bush said...on confronting Iraq and the *dangers* it poses.” (“Mas o Sr. Bush afirmou ...ao confrontar o Iraque e o *perigo* que ele representa.”) (NYT, 07/03/03)
- 5-“He’s a *muderer*”, he said...” (“Ele é um *assassino*”, ele disse ...”) (NYT, 07/03/03)

CONCLUSÃO

Este artigo tentou mostrar o papel da metáfora conceitual no discurso político em situações de conflitos de guerra. Devido a natureza do gênero presente (artigo jornalístico) e, conseqüentemente, a limitação do seu tamanho, não houve a intenção de explorar o assunto de forma mais aprofundada como esta sendo feito na pesquisa em andamento.

Podemos observar a partir desse estudo, que a metáfora tem uma influencia cultural a ser considerada e devemos entender que o seu processo esta de acordo com os interesses políticos do local.

Ressaltamos, também, a metáfora desempenha uma função relevante ao criar significados que possam ser compartilhados por muitos, percepções e um certo grau de afirmação entre o publico. Muito embora, diferentes metáforas possam competir na guerra da aceitação por parte do publico, a visão metafórica que é disseminada freqüentemente desfruta de uma grande vantagem porque, em tempo de conflitos, o líder de uma nação é geralmente visto como um protetor contra os inimigos. Assim se apresentou o Pres. Bush e seus grandes aliados que também exercem posição de destaque em seus governos.

Falamos ainda da função persuasiva da metáfora no sentido de que ela pode ser manipulada para criar efeitos persuasivos em situa-

ções de grande interesse do público. Entretanto, por experiência na análise de textos dessa natureza e como leitores competentes que somos, argumentamos que a maioria dos escritores/falantes não se permitem que sejam eles mesmos julgados por essas metáforas. As metáforas, sem dúvida, são usadas com significados avaliativos por aqueles que tentam ser persuasivos, mas nós podemos, com certeza, exercer o nosso papel de questionadores e explorar esses usos para criticar os valores, julgamentos, atitudes e ideologias que estão por trás delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLACK, M. *Models and Metaphors*. Ithaca, NY: Cornell U. Press, 1962.
- BOERS, J. W. Language intensity, social introversion and attitude change. *Speech Monographs*, 30, pp.345-352, 1963.
- . Some correlates of language intensity. *Quarterly Journal of Speech*, 50, pp.415-420, 1964.
- BOSTDORFF, D. M. *The presidency and the rhetoric of foreign crisis*. Columbia: University of South Carolina Press, 1994.
- BOYES-STONES, G. R. *Metaphor, Allegory, and the classical tradition: ancient thought and modern revisions*. Oxford: O.U.P., 2003.
- CAMERON, L. *Metaphor in Educational Discourse*. London, Continuum, 2003.
- CAMERON, L. & LOW, G. *Researching and Applying Metaphor*. Cambridge, Cambridge University Press, 1999.
- CHILTON, P. *Analysing Political Discourse: Theory and Practice*. London, Routledge, 2004.
- DEIGNAN, A. (Ed.) *Collins cobuild English guides (Vol.7). Metaphor*. London: Harper-Collins., 1995.
- . Corpus-based approach research into metaphor. In L. Cameron e G. Low (Eds.). *Researching and applying metaphor*, pp.177-199. Cambridge: C.U.P., 1999.

———. Metaphorical Expressions and Culture: An Indirect Link. In *Metaphor and Symbol* 18(4) pp.255-271, 2003.

EUBANKS, P. *A war of words in the discourse of trade: the rhetorical constitution of metaphor*. Carbondale: Southern Illinois U. Press, 2000.

GIBBS, R. W. Figurative thought and figurative language. In M .A. Gersnbacher (Ed.) *Handbook of psycholinguistics*. San Diego: Academic Press, pp.411-445, 1994.

———. *Insertions in the experience of meaning*. Cambridge: C.P.U., 1999.

GREEN, D. *Shaping political consciousness: the language of politics in America*. Ithaca,NY: Cornell U. P., 1992.

JOHNSON, M. *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KOVECSES, Z.. *Metaphor in Culture: Universality and variation*. Cambridge: C.U.P., 2004.

LAKOFF G. & JOHNSON.M. *Metaphors we live by*. Chicago, Harvard University Press, 1980.

LAKOFF, G. The meaning of literal. In *The Metaphor and Symbols* 1 (4), pp. 291-296, 1986.

———. *Metaphor and War: the metaphor system used to justify war in the Gulf*, <http://philosophy.uregon.edu/metaphor/lakoff-lhtm>.

———. The contemporary theory of metaphor. In A. Ortony (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge U. Press, pp. 202-252, 1993

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York,: Basic Books, 1999.

———. *Metaforas da vida cotidiana*. Traducao do Grupo GEIM. Sao Paulo: EDUC/Mercado de Letras, SP, 2002.

- LAKOFF, G. & TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989
- ROHER, T. Race-baiting, Cartooning and Ideology: A conceptual blending analysis of contemporary and WWII war cartoons. In Greschoning, Steffen and Sing, Christine S. *Ideologien zwischen Lüge and Wahrheitsanspruch*, Wiesbaden, Germany: Deutscher Universitäts-Verlag, 2004.
- SCHON, D.A. Generative metaphor: A perspective on problem setting in social policy. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and Thought* (pp.254-283) Cambridge, England: Cambridge U. Press, 1979.
- SEARLE, J. Metaphor. In A. Ortony (ed.), *Metaphor and Thought*. End. . New Yor: C.U.P., pp. 83-111, 1993.
- SONTAG, S.. *Illness as Metaphor*. New York: Farrar, Straus and Giroux. 1978.
- SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: C.U.P., 1991
- WHITE, H. *Tropics of Discourse: essays in cultural criticism*. Baltimore, Md: John Hopkins U. P. , 1978.